



DAVID VENCEDOR.

O MUSEU de Marselha foi fundado em 1802 por disposição de Buonaparte, então primeiro consul, e da mesma maneira a bibliotheca, o jardim botânico e o gabinete d'história natural da mesma cidade. Fizeram-se no antigo convento dos Bernardos as necessarias accommodações para recolher os livros e painéis, e foi encarregada uma commissão de os escolher d'entre uma collecção numerosa de obras artisticas, que durante a revolução tinham saído dos claustros, igrejas, e castellos. — Formado com o pequeno numero de pinturas preferidas por esta commissão, as dadas de alguns ministros e as offertas de varios particulares, o museu de Marselha comprehende hoje cento e cincoenta painéis; a collocação é pessima, recebendo os objectos mal a luz, o que prejudica muito o effeito que devia causar esta galeria. — N'um

local consagrado á arte devem ter a architectura, a decoração, e sobre tudo a distribuição da luz uma influencia tal que o curioso, ainda o mais previsto, seja por elle subjugado; é mister evitar aos olhos todo o cansaço, todo o enfado: tudo deve concorrer para attrahir, encantar, e descansar brandamente a vista. Uma tela de Raphael mal collocada em relação á luz perde metade do seu preço. Tal é o defeito do museu de Marselha. Possui diversos quadros das differentes escholas; entre os da italiana merece particular attenção um quadro do principe dos pintores que acabamos de nomear, representando S. João Evangelista a escrever o Apocalypse: pertencia antigamente a uma collecção do gabinete real. Christo morto, sustido por mãos de anjos, é uma vigorosa composição de Miguel Amérighi, dicto o Ca-

Vol. I. Março 13. 1877.

C. M. L.  
GABINETE  
DE ESTUDOS

ravagio. Para não citarmos outros, e não fazer catalogo, apontaremos só dois de Anibal Carracci; um, e mui gracioso, representa um casamento de aldeia; outro do mancebo David com a cabeça do gigante Goliath faz contraste notavel com aquelle. David está figurado como a Biblia o descreve n'esse periodo da vida, o mancebo que o soberbo philisteu desprezava, por quanto era *adolescens, rufus et pulcher aspectu*. Cap. 17 do 1.<sup>o</sup> liv. dos Reis.

### O MAELSTROM.

(Continuado de pag. 206.)

Houve um reboliço, que ninguem se entendia. A embarcação cortava tranquilla as aguas; o sol resplandecia. A tripulação, entretanto, ardendo em inaudita febre de actividade, fazia os aprestos necessarios para arvorar outro mastro, apromptava a vela, e andava a correr por todo o navio. Só o homem da segunda vista não quiz trabalhar. Donald, pelo contrario, o que queria era ser util; acudia a tudo, tinha cem braços; arrancava o martello das mãos do carpinteiro; admoestava, qual pai, os negligentes, e chegava a embaraçar a manobra, querendo-a ajudar. Pobre velho, que nunca vira procellas senão sobre o Loch Newis, nem outros pégos mais do que os do Tweed e do Clyde. Donald não podia comprehender a placidez do visionario Campbell; reprehendia-o severa e amargamente. Dentro d'uma hora estava tudo prompto; levantou-se o mastro postigo, içou-se-lhe uma vela. Baldado trabalho! A vela não a enfunava o vento; batia, enrolava-se no mastro como uma mortalha. Oh! desesperação! a lancha perdêra-se na borrasca. E já se divisavam os pincares das rochas de Lofoden: já o Maelstrom, o sorvedouro inexoravel, se ouvia de mais perto, e o navio a caminhar, a caminhar para elle!... Estavam todos os olhos pregados no mastro e na vela, porém o mastro não se encurvava, a vela não se movia. Quem pintará o que exprimiam todos estes rostos, a mudez de todos estes homens, a immobilidade de todos estes olhos, o abatimento dos mais destemidos, a resignação das meninas, a afflicção do pai, não por amor de si, mas de suas filhas? N'esta calada, um fiel cão da Terra-Nova, pertencente ao capitão, corria d'uma para outra banda como para não ver este quadro fatal, dando longos e medonhos uivos, que repassavam a alma dos que iam no navio. Mac-Read rezava em voz alta; as meninas estavam de joelhos.

— «Eu bem o sabia» exclamou o visionario, que foi o primeiro a quebrar o silencio.

— «Que sabias tu?»

— «Acolá estão os rochedos de Lofoden! Já os vi, conheço-os. Estavam á direita como alli estão. Não me enganou o somno. Oh! sexta-feira, dia aziago! Oh! capitão maldicto!»

— «Maldicto capitão!»

O brado de guerra dos Mohawks, o bramido carniceiro com que os Palikars se arremessam á peleja, não são mais tremendos do que o alarido dos marinheiros enraivecidos, que, deitando a correr para a pôpa agarraram no malaventurado, e sem que lhe valesse bradar, pedir, luctar, embravecêr-se, o baldearam ao mar. O seu cão viu-o cair. Era amigo sincero, não o desamparou na hora suprema; lançou-se logo ao mar, nadou direito a elle, segurou-o pela golla da jaleca, puxou-o para o navio, e largo tempo resistiu á corrente que o arrebatava. Por fim o capitão deitou ambos os braços fóra d'agua, agarrou-se ao cão com a ancia com que se abraça a ultima es-

perança de salvamento, e o homem e o seu leal amigo afundaram-se para sempre.

Perpetrado o crime com a morte á vista, a inutilidade dos esforços humanos, a nenhuma probabilidade de salvação fizeram desamparar toda a manobra, deixando o navio ir-se ao som d'agua em direitura ao precipicio. A marinagem dispersou-se; o contramestre sentou-se sobre os restos do mastro, e ficou-se a contemplar o suicidio da embarcação. Alguns começaram a rezar, outros dançaram, a maior parte brigaram por amor do grog e da aguardente. Houve alguns, e dos mais valentes, que se deitaram ao mar dando grandes berros; vi muitos que de mãos dadas dançaram em circulo como phreneticos. Estes, das gargalhadas passavam de repente ao soluçar horrendo da extrema agonia; aquelles, que tinham ficado como assombrados de raio e estirados pela tolda, erguiam-se e davam-se aos ultimos paroxismos d'uma alegria insensata, quebravam as escotilhas e lançavam a cordoalha ao mar. O convexera um fragmento do inferno. E todavia o sol, derramando luz suave, parecia afagar com um sorriso as vagas pacificas e a ilha verdejante de Mosken. A *Joven Suzanna* já então voava, qual setta, a sepultarse nas entranhas do abysmo, que arreganhava a bocca para a engolir.

Contramestre, bradou o seu ajudante, seja boa testemunha de que eu não fiz mal ao capitão!»

O contramestre sorriu-se sem responder. O ajudante media a justiça divina pela dos tribunaes da terra. O pobre homem julgava precisar d'uma testemunha que depuzesse em seu abono perante Deus.

— «Então! amigo Will! não me responde? Ora!.. que tempo podemos ainda viver, diga lá!..»

O contramestre vultou-se para Tom:

— «Meu rapaz, lhe disse elle, se for preciso dar contas do que fizemos, conta comigo. Tu tens mais bom coração do que esses que estão a dançar lá em baixo. Mas, digo-t'o eu, ferremos o panno e fallar pouco. Estamos a dar fundo; temos o outro mundo pela prôa; viremos pela ultima vez a ampulheta da barquinha. Tom! um homem valente morre calado. Adeus, Tom! cinco minutos ainda nós viviremos! mais não!»

— «Contramestre, você verá se o vento me faz adernar. Adeus, camarada! E aquellas duas pobres rapariguinhas?... Ai! cortaram-me o coração!»

— «Cala-te, com mil demonios! Deus me perdoe estas pragas! Não digo mais nada! Vai-te embora!»

A attracção do Maelstrom crescia a olhos vistos. O suicidio dos homens que se deitavam ao mar, uns cantando, outros chorando, despovoava a escuna. Nas alturas de Hellssen enxergavam-se grupos de homens e mulheres, que viam o navio arrastado á perdição, e o lamentavam sem o poderem socorrer. Mac-Read tinha-se abraçado com as duas filhas, e Donald tocava gaita de folles, em quanto o pai, com as duas filhas cingidas nos braços, murmurava algumas palavras que mal se percebiam. Um passaro, branco como a neve, de pennas lustrosas e brilhantes, voou dos cerros de Ambareem, pairou sobre o navio, bateu as azas a pouca distancia do convex e seguiu por muito tempo a levada da embarcação. O feliz passaro podia viver e o navio tinha de morrer por força. Como o olhavamos com inveja! a sua liberdade requintava os tormentos do captiveiro que nos levava á morte.

Mas chegava-nos aos ouvidos um estrepito medonho que parecia vir do Maelstrom; sentiamos um mugir pavoroso e uivos de agonia, como se algum monstro gigante se debatesse com a morte. Com effeito, uma baleia tinha cedido á valentia da corren-

te, e quando chegára ao meio do sorvedouro, luctára debalde contra a força irresistível que a absorvia. Em vão batia a cauda do colosso as aguas que remoinhavam; debalde lançava ao ar pelas ventas duas columnas d'agua que borbulhavam, o monstro enorme desapareceu tragado.

Era a sorte a que corriamos cada vez mais velozes. A belleza do dia, a transparencia do céu, o brilho das agnas, não deixavam crêr a morte tão propinqua, o naufragio tão certo. Um grumete, que levára muitas horas a chorar, levantou a cabeça e disse ao contramestre:

— « Não, não posso crêr em tal; não pôde ser, contramestre! O mar está tão quieto! que é do cachopo? que é do temporal? que é da morte? São contos de creanças, e tolos todos que os engolem. »

O contramestre levantou a cabeça, e soltou um sorriso sardonico.

— « A manobra? continuou o grumete. Lestes! lestes! . . . »

— « Manobra como quizeres, retrocou o velho marinheiro olhando para o rapaz com desprezo infinito: d'aqui a tres minutos não tem a *Joven Suzanna* tres tábuas unidas. »

— « Qual! quando todos tinham perdido as esperanças e a borrasca nos levou o mastro, eu cá bem sabia que escapavamos! »

— « Rapaz, prepara-te, limpa esses olhos; engolem-se duas ou tres canadas d'agua salgada, e estamos aviados. O navio começa a alagar-se: a agua está turva. Rapaz, se queres vêr como um homem morre como um homem, fica ao pé de mim. Mas cala-te e deixa-me em paz. »

Dizia a verdade. A impetuosa attracção do Maelstrom augmentava a rapidez da nossa marcha! Fervia o mar á roda de nós; e *Joven Suzanna* rolava para a direita e para a esquerda, feita ludibrio das ondas que se guerreavam. Como hei de repetir a agonia intensa, a demencia atroz d'estes moribundos cheios de vida? O proprio navio, pulando para o sorvedouro, parecia um ente vivo e louco. Em breve, despedido como a balla pelo impulso da polvora, resvala, foge, arfa, afocinha, faz pião, resalta e aderna. Os marinheiros penduram-se nos cabos; Donald atira-se ao abysmo; levanta-se o brado final — misericordia! O contramestre agita o chapéu no ar, em quanto a *Joven Suzanna* anda ao redor como o pião nas mãos d'uma creança. Nada mais sei. A consciencia d'este horrivel naufragio não deita adiante do momento fatal em que só a pôpa estava fóra d'agua; em que o abysmo, *sorvendo*, se assim me posso explicar, a sua preza, a puxava pela prôa para o pego mortifero, e a conservava momentaneamente suspensa a pino.

Quanto a mim que, estendido na tolda, mudo, sem esperanza, quasi estúpido, vi o fim d'esta scena com resignação desesperada, achei-me ensanguentado e nú na costa penhascosa de Heggesen. Apenas tive forças para me arrastar até um grupo de cabanas de mineiros. Sem duvida, o vortice por effeito da violencia das correntes contrarias que formam o mecanismo do seu turbilhão funesto, expelliu para longe de si algum dos destroços que devêra tragar. Vi espalhados pela areia um fragmento de tábua quebrada e um resto de massame. Memoria d'homem não dava noticia, segundo me disseram os pescadores que me agasalharam, de ter o Maelstrom perdoado a nenhuma das suas victimas.

#### A JUSTIÇA.

A PRIMEIRA propriedade da luz é ser benigna. Que cousa mais benigna, que cousa mais favoravel do que

a luz? Que qualidade mais branda, mais suave e mais amorosa? Ella é a alegria dos campos, a respiração das flôres, a harmonia das aves, a delicia dos olhos, a formosura dos astros, e emfim o contentamento de todo o mundo.

Pois esta propriedade da luz ha de ser tambem a propriedade da justiça; porque a justiça deve ser tão branda, tão amorosa e tão benigna como a luz. Bem conheço que muitos serão de mui contrario parecer; porque como vêem na mão da justiça desembainhada uma espada, totalmente se persuadem que a justiça toda deve ser rigores, toda crueldades. . .

E para não ser crueldade deve temperar-se com brandura, e só com ella será justiça. E porque sei que a espada da justiça é a que obriga a imaginar que toda a justiça deve ser rigor, quero que nos sirva de prova a mesma espada.

Pergunto assim: E para que se armou com uma espada a mão da justiça? — Já sabem todos que para significar o seu rigor. Pois porque se não pinta a figura da justiça com um cutello senão com uma espada? O instrumento mais proprio do rigor da justiça não é o cutello? Que razão haverá logo para que não pintem como o cutello a justiça? Porque a pintam com uma espada?

Com grandissima razão. Entre o cutello e a espada ha esta differença: que o cutello é inflexivel; é tanta a sua dureza que a nada se dobra: e se porfiam a que se dobre arreventa. E a espada? Toda pelo contrario. A espada com ser tão rigorosa é muito branda. Quanto mais se dobra tanto tem de melhor espada; e, o que é mais de admirar, que ainda que a vejamos dobrar-se, não deixa nunca de ficar mui recta; de sorte que a espada é branda, a espada dobra-se; e comtudo sempre é recta, e sempre é espada.

Pois assim ha de ser a justiça: espada sim, mas que se dobre; recta sim, mas que se abraque. Emfim ha de ser como raio da luz: é raio, mas benigno; é vaio, mas é de luz.

EUSEBIO DE MATTOS — Sermões.

#### BERNADOTTE, REI DE SUECIA.

(Continuado de pag. 199.)

PARA acompanhar Bernadotte em todas as batalhas que ganhou, seria preciso traçar a historia dos primeiros annos do imperio francez, tão fertil em acções estrondosas; effectivamente o acharão em todas as campanhas onde havia perigos a arrostar, louros a colher. Vencedor em Schleitz, onde desbaratou a vanguarda do exercito prussiano, o principe de Ponte-Corvo perseguiu vivamente este corpo, e depois de lhe haver offerecido batalha, inutilmente por muitas vezes, alcançou-o em Lubeck. Poucos feitos d'armas houve tão brilhantes; onze generaes, que eram commandados pelo marechal Blucher e o principe de Brunsvich, e doze mil homens caíram em poder dos francezes. Na Polonia Bernadotte triumphou dos russianos no combate de Morungen em 25 de janeiro de 1807. Um ferimento suspendeu a carreira das suas victorias e o constrangeu a algum tempo de repouso. A paz de Tilsitt, que pozera termo a esta campanha, não foi de longa duração, e Bernadotte, apenas convalescido da ferida, recebeu ordem de tomar o governo das cidades anseaticas. Chamado á Allemanha em 1808, commandou o exercito alliado, francez, hespanhol e hollandez, e assignalou-se por distinctas acções ao mesmo tempo que se fazia querido de seus soldados. Na campanha de 1809 alcançou muitas vantagens

contra os austriacos, e assignalou-se sobre tudo em frente da ponte de Linz; realisou depois a sua junção com o grande exercito. A 6 de julho tomou parte na batalha de Wagram commandando a ala esquerda com Massena á testa das tropas saxonias; por este lado é que o ataque foi mais vivo; o principe de Ponte-Corvo em vão fez prodigios de valor, as suas tropas sobrecarregadas pela multidão dos inimigos recuaram desordenadamente, elle proprio se achou cercado, e só conseguiu desembaraçar-se por meio de uma presença de espirito e ousadia, que seriam bastantes para firmar a sua reputação militar. Pela tarde a victoria estava ganha, porém os saxonios ficaram em grande numero no campo da batalha, apagando assim a vergonha de um momento de temor. Bernadotte, furio-o por não ser auxiliado, bradou que era traição; queixou-se de que o abandonassem e sacrificassem os seus soldados; deu a demissão do commando, e Buonaparte, aceitando-a, parece justificar as censuras que de futuro se fizeram. — Contudo, o demittido, apenas contava vinte dias de recolhido a Paris, foi encarregado de repellir uma invasão dos inglezes na ilha de Walcheren; passou logo a Anvers. Nada era mais preciso do que a actividade do principe de Ponte-Corvo para organizar a defesa; as obras de fortificação apenas estavam principiadas, nos arsenaes não havia artilheria nem polvora, e as tropas francezas eram obrigadas a viver de pilhagem como em paiz inimigo. Bernadotte não se desalentou com esta mángua, a sua infatigavel actividade acudiu ás faltas; de dia para dia se levantavam novos fortes ou se assentavam novas baterias. A ruina da ilha de Walcheren foi a vantagem unica que tirou da sua empresa o general inglez, que perdeu mais de quatorze mil homens. — Esta campanha, que findou quasi sem combate, foi mais funesta ás tropas britannicas do que se tivessem experimentado grandes revezes. O principe de Ponte-Corvo, de volta a Paris, recebeu a condecoração da ordem de S. Henrique, da Saxonia.

Não reinou muito tempo a boa intelligencia entre o imperador e o principe de Ponte-Corvo. Napoleão o culpava de excessó de auctoridade n'uma proclamação á tropa; chegou até a prohibir-lhe entrar em Paris. Bernadotte dimittiu-se de honras, dignidades e titulos, e depois recusou sujeitar-se a intimações tão arbitrarias. O ministro, temendo com razão uma guerra civil que teria por cabeça homem tão influente, modificou a ordem do imperador, e contentou-se em escrever ao principe de Ponte-Corvo que passasse ao exercito de Allemânia no mais breve prazo possível. Dispozem uma entrevista de ambos, que teve lugar em Schoenbrun; Napoleão mostrou esquecer se dos agravos que imputava ao seu marechal, e até lhe deu o governo geral de Roma; porém Bernadotte só accitou depois de muitas hesitações.

No entanto aconteceram a revolução da Suecia; Gustavo IV tinha succedido a Carlos XIII, que largou a coroa sem violentas agitações. Gustavo era velho, e não tardava que a sua morte deixasse vago o throno d'aquelle renio. Em circumstancias taes, era preciso um homem energico, capaz de tomar o governo com mão firme, de impôr aos inimigos externos respeito, e de refrear as revoltas internas. Os votos dos suecos recaíram em Bernadotte, e veio a Paris uma deputação offerecer-lhe o titulo e os direitos de principe real da Suecia. Convém saber que depois da tomada de Lubeck, Bernadotte, tendo cercado um corpo numeroso de tropas suecas, contentou-se com fazer-lhe depôr as armas, admittiu os principaes cabos á sua meza, e tractou-os com toda a possível consideração. Este acto de mederação lhe adquiriu gran-

de partido. — Napoleão, que devia a sua fortuna á eleição popular, não podia oppôr-se a que um de seus generaes fosse escolhido por um povo para seu monarcha. Affirma-se, porém, que esta escolha o desgostou vivamente, porque sabia que entresi e aquelle que os suecos queriam para principe hereditario existia todo o rancor do Directorio, de quem Bernadotte se havia mostrado sempre o mais firme sustentaculo. — «Cumpram-se os nossos destinos» — disse por fim pezaroso; e Bernadotte foi unanimemente saudado «principe herdeiro de Suecia, para depois do fallecimento do rei actual reinar na Suecia e paizes d'ella dependentes, ser coroado rei da Suecia e receber o juramento de fidelidade; emfim governar o reino conforme o sentido litteral da constituição de 6 de junho de 1809.»

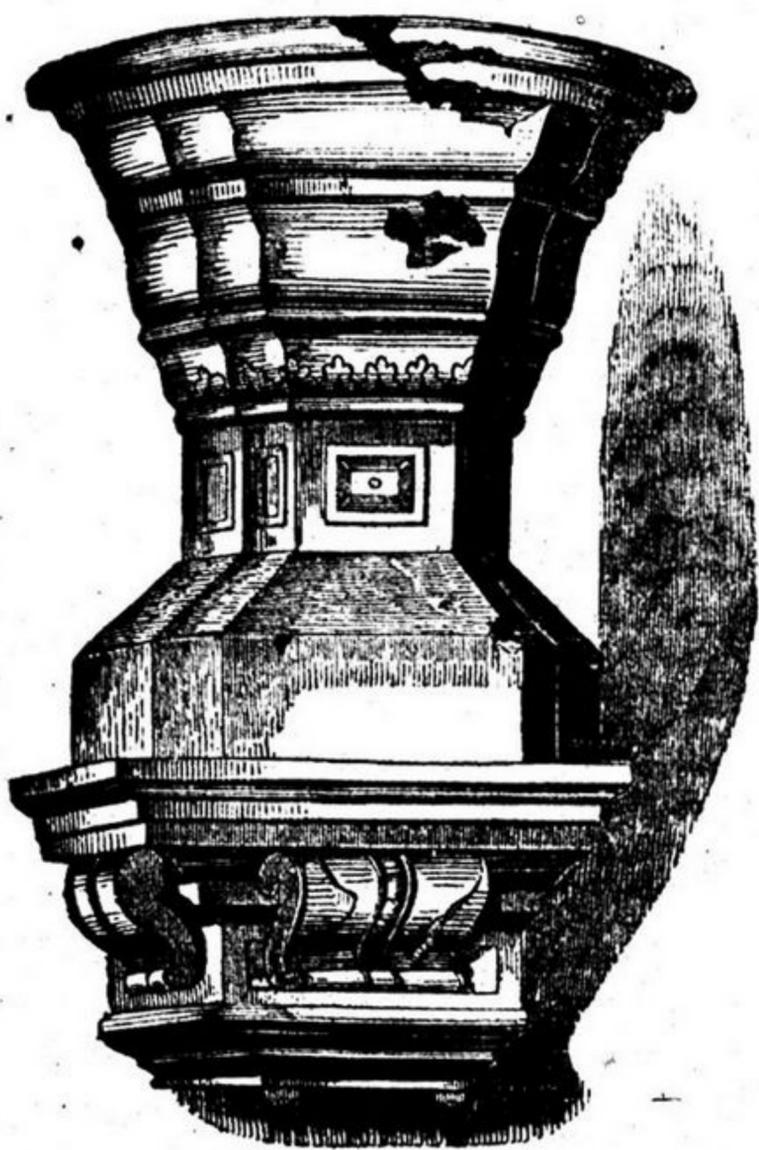
Bernadotte a principio mostrou querer permanecer fiel alliado da França, mesmo em detrimento da Suecia. Tendo-lhe Napoleão dado ordem de quebrar todas as relações com a Inglaterra, o principe hereditario obedeceu, posto que bem soubesse que a Suecia não podia subsistir pelos proprios recursos. Prohibiu o commercio com Inglaterra, e determinou que fossem confiscadas as fazendas apprehendidas. Era uma ordem illusoria que o governo nem podia nem queria executar; pelo que a fraude substituiu as permutações regulares. Napoleão, julgando-se ofendido pelo seu antigo logar tenente, encolerisou-se: Bernadotte, por sua parte, supportava a custo a arrogancia com que o imperador lhe dictava ordens. Por outro lado o interesse do seu paiz adoptivo oppunha-se a uma cega submissão á França. Passaram-se de parte a parte notas cheias de acrimonia; e a final Buonaparte expediu ordem ás suas tropas de invadirem a Pomerania e a ilha de Rugen. Era a epocha em que a França levava as suas armas victoriosas até os gelos, epocha em que Napoleão, ofuscado pelo seu poderio, parecia desprezar todos os meios de assegurar o triumpho. A Suecia, descontente com o procedimento do imperador, separou-se da sua alliança, e a Russia, aproveitando-se d'estasementes de discordia, offereceu a Noruega áquelle paiz que tanto tempo a ambicionára. Bernadotte, depois de bastantes hesitações, assignou o tractado de S. Petersburgo a 24 de março de 1812, e nomeado chefe do exercito confederado viu-se constrangido a tomar armas contra os seus antigos camaradas. Lançado n'esta carreira, Bernadotte marchou rapidamente, em demasia talvez para a sua reputação. Era impellido, para assim dizer, por uma força que não sabia explicar, porque não ignorava que cada uma das suas victorias era não sómente uma nodoa na sua gloria, mas tambem um golpe na individualidade do seu paiz adoptivo; bem percebia que para a liberdade da Suecia conviria oppôr o poderio da França ao incremento invasor da Russia; mas não podia ou antes não ousava mudar de procedimento, pretendia esconder sob louros novos a sua ingratição para com a França. Um dos seus mais brilhantes feitos d'armas foi a batalha de Leipsick, onde decidiu da victoria, e forçou Napoleão a passar outra vez o Rheno. Debalde os panegyristas de Bernadotte affirmam que fizera todos os esforços por mitigar as duras condições apresentadas ao imperador; debalde dizem que durante todo o anno de 1814 o exercito sueco se conteve em neutralidade inoffensiva: as notas diplomaticas provam ao contrario que Bernadotte incitou os confederados, e nada tanto desejava como a prompta abdicção de Napoleão. — Quando viu a invasão da França, começou então a deplorar a sorte do homem extraordinario que tivera na sua mão muitas cordas, e a quem iam dar por estaco uma ilha pequena e

sem recursos. Desde então mostrou não curar da guerra europea. Napoleão subiu de novo ao throno imperial, e de novo os monarchas contra elle se colligaram; d'essa vez Bernadotte ficou neutral. Quando os Bourbons recobriram o poder, abriu a sua corte aos expatriados francezes e lhes prestou seguro asylo.

Julgando-se estabelecida a paz geral, o principe real da Suecia voltou as suas armas contra a Noruega, que recusava reconhecer a sua nova suzerana. Finalmente, por morte de Carlos XIII, a 15 de fevereiro de 1818, os suecos agradeceram o proclamaram rei de Suecia e Noruega sob o nome de Carlos XIV.

Exaltado ao throno, Bernadotte rodeou-se de francezes, e com elles conversava acerca da patria, lastimando os acontecimentos de 1813 e a cega ambição do imperador. Teve porém o cuidado de respeitar sempre o orgulho nacional dos suecos, e lhes confiou os principaes cargos do reino, não obstante toda a benevolencia para com seus antigos compatriotas.

Bernadotte falleceu a 8 de março de 1844, depois de uma enfermidade dilatada e acerba, contando de idade oitenta e um annos, um mez e doze dias. Succedeu-lhe sem a menor opposição seu filho Oscar I (José Francisco) tendo 44 annos e 6 mezes: é geralmente estimado, e tudo inclina a presagiar que a familia de Bernadotte, assentada no throno da Suecia pela eleição espontanea do paiz, conservará a corôa com a prosperidade do estado.



PIA DO BAPTISMO DE S. LUIZ.

A tres leguas de Versailles e a cinco ao noroeste de Paris está situada Poissy, cidade pequena, que terá 2400 almas; fica na margem esquerda do Sena, e az-se hoje notavel pelo grande mercado de gados de

que se aprovisiona Paris. Gloria-se porém de uma illustração historica, e vem a ser a honra de patria de S. Luiz, o nono d'este nome na serie dos reis de França. A pia baptismal, onde este principe recebeu o primeiro sacramento, ainda está bem conservada na igreja parochial d'aquella villa: antigamente foi objecto de muita veneração, e pendentas da parede se viam juncto d'ella muitos milagres; e dizia-se que algumas particulas despegadas d'ella, sendo dissolvidas n'um copo d'agua, e dadas a beber aos enfermos, effectuavam a cura de quasi todas as molestias. — A capella em que se acham o baptisterio e mais peças que serviram no mesmo acto é dedicada a S. Luiz, e sobre o caixilho de uma grande vidraça que lhe dá claridade, liam-se n'outro tempo quatro versos mui singelos, que commemoravam o nascimento de S. Luiz em Poissy, e o seu baptismo n'aquella igreja.

Luiz IX de França, contando apenas onze annos, succedeu a seu pai Luiz VIII, cognominado o Leão; durante a menoridade esteve sob a tutela de sua mãe, D. Branca, que fôra infante de Castella, senhora de animo forte e de talento governativo. Luiz IX, educado piamente, de espirito ascetico, e entusiasmado pelo fervor que inspiravam as guerras no oriente havia mais de um seculo, levado além d'isso por um sincero sentimento religioso, que predominou em toda a carreira da sua existencia, intentou, em 1244, ir resgatar pessoalmente os sanctos logares da Palestina; porém só quatro annos depois é que poudo pôr em pratica o seu designio, contra os conselhos de sua mãe e dos principaes do reino. Foi esta a ultima cruzada. Embarcou-se com um exercito de 200.000 homens em 1:800 navios, e tomando terra no Egypto ganhou a principio algumas vantagens; porém a 3 d'abril de 1250 foi completamente desbaratado pelos sarracenos; na batalha morreu seu irmão Roberto; elle e outros dois irmãos, Affonso e Carlos, caíram prisioneiros. Traduziremos aqui algumas palavras da baroneza de Minutoli nas suas Recordações do Egypto. — «Pennas mais eruditas que a minha fizeram, e continuarão provavelmente a fazer a enumeração das cidades antigas que se levantaram outrora nas margens que vamos costeando (viagem do Cairo a Damietta) e que não offerecem agora, como as minas de Atribis, aos olhos magoados do viajante senão acervos de entulho e algumas columnas derrubadas: quanto a mim, apraz-me recordar aqui memórias mais recentes, fallo d'aquella epocha em que o entusiasmo religioso e cavalleiro de toda a Europa, dirigido pela politica de alguns padres, precipitou nos abrazados desertos da Africa e da Syria um sem numero de valentes, que encontraram a morte ao pé de seu piedoso monarcha, Luiz IX, que permaneceu rei mesmo em ferros. Foi em Mansourah, sitio por onde passámos, que Luiz foi feito prisioneiro, depois de uma batalha cuja perda se attribuiu ao intrepido, porém imprudente ataque dos templarios. A religião e a lembrança de uma esposa adorada ainda podiam adoçar os revezes d'este principe desafortunado: essa princeza heroica e virtuosa, que havia tomado a cruz para não separar-se de seu augusto esposo, preferindo a morte á ignominia, teve a coragem de exigir de um cavalleiro da sua comitiva que antes lhe tirasse a vida do que a deixasse cair nas mãos inimigas. Comtudo occu quiz conservar tantas virtudes e animo intrepido: é verdade que foi prisioneira proximo á antiga Damietta, mas sob condições muito honrosas, e foi tractada durante o seu captiveiro com o respeito devido á sua jerarchia e ás suas qualidades pessoasas.»

O proprio S. Luiz foi igualmente bem tractado. Obtido o resgate por avultada quantia, restituiu-se

à França em 1254, e o seu governo foi regulado pela justiça e prudencia, applicou-se muito á reforma dos costumes, a proteger os desvalidos, a soccorrer os pobres, á decencia dos templos, e a supprimir os tributos que tinham sido lançados para acudir ás urgentes necessidades do estado. Não pôde este monarcha ser censurado senão por suas infelizes expedições. Em 1270 de novo o accommetteu a febre de voltar á terra Sancta; transtornado em parte o seu projecto, passando a Africa, poz sitio a Tunes; porém, durante este cerco, deu tão horrivel peste no seu exercito que a mortandade foi espantosa; o proprio rei acabou do mesmo contagio a 25 d'agosto do dicto anno, tendo reinado 43 annos e um mez.

Luiz IX deixou oito filhos, um dos quaes, por nome Roberto, casou com Beatriz, filha herdeira de Ignez de Bourbon, d'onde dimanou a familia d'este nome, que d'ahi a tres seculos tomou a corôa de França na pessoa de Henrique IV, por antonomasia o Grande. — S. Luiz foi canonisado pelo papa Bonifacio VIII.

#### OS CHALES DE CACHEMIRA.

DESDE tempo immemorial fabricam-se chales de grande preço no valle de Cachemira. O commercio os transportou successivamente aos logares do seu consumo por vias que mudaram de direcção, conforme as variações que a politica ou a guerra impozeram aos limites dos differentes estados. Não fallando senão posteriormente á elevação do poder dos afghians, uma parte do tributo imposto ao valle por esta nação consistia em chales, e era transportada para a capital, Candahar: o restante entrava no commercio directamente, e espalhava-se para regiões longinquas por diversos mercados. Sem fallarmos em muitas alterações antecedentes, o commercio de Cachemira com a India tem-se encaminhado nos ultimos tempos por Jumbo, que em todos os seus arredores é protegido por uma cordilheira de altissimas serranias, inacessiveis ás bestas de carga. — Os chales são conduzidos a Jumbo ás costas de homens, e veem arrançados n'um fardo oblongo, composto de certo numero de peças, e de pezo marcado: o fardo com uma capa de couro de boi, bem cozido e apertado com as correias do mesmo couro, chama-se *biddery*: vem acompanhado d'uma factura, e de raro o abrem para o verificar: o portador traz a carga como os soldados a mochila, e tem um bordão com geito de moleta, que lhe serve para auxiliar a caminhada, e para se alliviar escorando o pezo pela parte de traz. Por esta nova derrota de Jumbo vem esta gente mais abrigada dos assaltos da soldadesca; cáem porém nas garras de milhafres não menos devoradores que se chamam fiscaes d'alfandega. — De Sirinagor, capital de Cachemira, até Lacknau, cidade populosa, situada entre o Ganges e o Gogra, ha trinta estações, em cada uma das quaes as fazendas estão submettidas a taxas arbitrarías, que no dizer do viajante Forster chegam ás vezes a tres e quatro por cento. Estas exações exorbitantes, junctas ás despesas de longo e penoso transporte, augmentam prodigiosamente o preço do genero nas regiões inferiores da India, e fazem mui caros os chales antes que de Surrate ou de Calcutá venham para a Europa. D'aqui a raridade dos legitimos chales de Cachemira, suppridos nos mercados europeus pelo fabrico adulterino da França. — Não acontece assim para a parte de oeste de Cachemira, por onde a exportação foi sempre consideravel, pois que os povos musulmanos da Asia occidental ficam geralmente n'esta direcção, e

ahi os chales teem grande valor e servem ainda mais para turbantes e cintas de homens do que para adorno de mulheres. — A Africa, onde os costumes teem tamanha analogia com os asiaticos, provê-se dos chales por via de Meca: na epocha da chegada das caravanas, a affluencia dos mercadores e dos curiosos e dos devotos é tão consideravel que a cidade sancta do islamismo toma o aspecto de uma grande feira. As que procedem da Asia veem carregadas das mais preciosas fazendas d'esta rica região: especiarias de Ceylão, do Malabar e das Molucas, cassas de Bengala, estofos do Decan, chales de Cachemira, tudo alli se acha, e tudo é objecto de commercio importante. Depois, uma parte d'estas mercadorias, embarcada em Jidá, porto da Meca, sobe pelo golpho arabico até Suez, e d'alli é levada ao Cairo em camellos: outra parte é transportada pelas caravanas que da Meca voltam para Alepo ou Damasco, ou para Tripoli, Tunes, Alger, Fez, e o interior da Africa musulmaua.

Muitos chales das fabricas de Cachemira partem de Peichour pelo noroeste, para o consumo particular da Europa: atravessam o Afghanistan, a Persia, e o Caucaso, para chegar a Macarieff. — Moscow, cidade das mais proximas á Asia, e de certo modo muito asiatica, está sempre bem provida d'elles, e ahi vão negociantes francezes fazer as suas compras, como vão aos leilões da Companhia das Indias em Londres, e tambem a Constantinopola. Quando succedeu o incendio de Moscow, prodigiosa quantidade de chales de Cachemira foi devorada pelas chammas no Kremlin nas esplendidas lojas do Kitai-Gorod, ou cidade chinesa. — Talvez que alguém goste de saber como a antiga capital da Russia veio a ser uma grande escala para este genero.

Na margem direita do Volga, defronte de Lisko-vo, ha uma aldeia, na apparencia a mais mesquinha do mundo; chama-se Macarieff, do nome de S. Macario, padroeiro do logar. Esta aldeia fez-se celebre pela feira que alli ha annualmente no mez de julho, ou, para melhor dizer, que alli havia; porque não ha muitos annos foi transferida para Nisnei-Novorogod, por causa da pequenez do precedente local. — A feira, assim mudada a distancia de algumas milhas, ficou sempre sob a protecção de S. Macario, é feita no dia da festa do patrono, e conserva e provavelmente conservará o seu nome até a consummação dos seculos. Não ha palavras para encarecer o como uma pobre feira, em sua origem limitada a bolos e fraudulagens, veio a chamar tamanha concorrência, que em sua comparação as maiores e mais conhecidas são reuniões insignificantes. — Verdade é que a sua situação sobre o Volga, quasi ao meio do curso d'este caudaloso rio, no centro do imperio russo, entre a Europa e a Asia, a distancia igual do norte e do sul, offerecia muitas probabilidades de grande vantagem, favorecidas tambem pela estação em que a feira se ajuncta, e que permite aos concorrentes, ainda que sejam das regiões mais remotas, recolherem-se a seus lares antes das invernações. — Ahi se acham misturados russianos de todas as provincias, tartaros de todas as tribus, uma infinidade de nações, cujos nomes barbaros espantariam os leitores; ahi acodem gregos, armenios, persas, indios de Astracan, polacos, allemães, francezes, etc. — Faz admirar que os inglezes, que apparecem aos milhares onde cheira a negocio, e que os americanos, que com elles correm parelhas, alli se achem em diminuto numero, e os poucos que veem, só como curiosos. Seria curioso o quadro d'esta feira, por certo a mais notavel: limitar-nos-hemos, porém ao que diz respeito á nossa epigrapha — os chales de Cachemira —

e para esse fim recorreremos a testemunha ocular, Mr. Rehmon, cirurgião do imperador Alexandre.

(Continúa.)

#### BOSQUE PETRIFICADO DE PORTLAND.

Na ilha de Portland, ao pé da costa d'Inglaterra, encontra-se um dos mais curiosos monumentos das revoluções do globo e da tranquillidade com que algumas d'ellas se effectuaram. É um bosque da mundo antigo, cujas arvores ainda se conservam no seu logar com todas as raizes cravadas no solo em que outr'ora vegetaram. Petrificou-o a acção das aguas que vieram inunda-lo em epocha remota; mas chegou até os nossos dias tão bem conservado, que se presta aos estudos dos botanicos como os nossos bosques actuaes.

O solo vegetal, que tem doze a dezoito pollegadas de espessura, descansa n'uma base de rocha calcarea; é de côr negra ou pardo escura, e contém grande porção de materia vegetal decomposta, como a que tambem hoje se encontra nos nossos bosques: consta de argila misturada com seixos. As arvores espalhadas sobre esta camada, á qual estão prezas pelas raizes, que chegam a entrar algumas vezes pelo fundo da rocha, distam umas das outras o espaço que de ordinario se guarda entre as de uma bem disposta matta. Quasi todas estão partidas na altura de um até tres pés; todavia algumas ha que chegam a seis pés, e mais. Os troços dos troncos partidos estão espalhados pelo solo e n'elle mais ou menos enterrados. É raro passarem estes fragmentos de tres a quatro pés; mas unindo tôpo com tôpo as porções correspondentes, torna-se a formar troncos inteiros de vinte e cinco a trinta pés de comprimento antes da primeira ramificação. Analysados attentamente os caracteres exteriores e a estructura interna d'estes troncos, conhece-se que pertenceram a arvores pouco differentes dos pinheiros araucarias, que só medram hoje no hemispherio austral, em clima mais quente que o nosso; mas a arvores d'uma especie particular, que já não se encontra entre os vegetaes que vivem no nosso globo. Ao pé d'estas grandes arvores se veem troncos muito mais curtos e de natureza em tudo differente. Se não conhecessemos a Flora de paizes longinquos, admirar-nos-hia a fórma d'estas plantas, que semelham, no seu todo, a uma alcachofra ou ananaz. Mas comparando-se com os troncos das plantas da familia das cycadeas, cessa toda a incerteza a respeito da analogia que teem com ellas; analogia que se dá não só na configuração externa, mas no modo por que nascem os gomos d'entre as escamas que as folhas caídas deixaram na superficie dos troncos, e na estructura interna d'estes, que apresenta, como nas cycadeas actuaes, um circulo de fibras lenhosas convergentes, comprehendido entre duas massas de tecido cellular. Por tanto nenhuma duvida resta de que este é um bosque antigo de vegetaes mais ou menos analogos aos nossos pinheiros araucarias, e ás nossas cycas.

A familia das cycas é interessante pela parte que teve no desenvolvimento da vegetação do mundo antigo. Hoje só dois generos a representam no globo: o genero zamia, e o genero cycas propriamente dicto. As principaes localidades onde se topam estes singulares vegetaes são a America meridional, o cabo de Boa-Esperança, Madagascar, as Indias, as Molucas, e a Nova-Hollanda; tambem se encontram fóra do hemispherio austral, na China e no Japão. Antigamente, como se vê por este exemplo e outros muitos, cresciam em copia estes vegetaes sob o céu da Europa. Acham-se com effeito numerosos vestigios d'elles nos depositos formados no territorio do nosso

clima no periodo secundario, e os botanicos teem reconhecido, entre os restos descobertos até hoje, trinta e nove especies differentes. Uma propriedade mui notavel que teem estas plantas é a de formarem a transição entre as palmeiras, a que se chegam pela fórma da inserção das suas folhas e pela parecença de toda a sua configuração externa, entre as coníferas, que na estructura interna teem certos caracteres analogos, e finalmente entre os fetos, cujas folhas do mesmo modo se desenrolam dos gomos.

Esta prova tão manifesta da mudança que teve o clima das regiões em que vivemos, antes da terra ser habitada pelos homens, não é o unico motivo que recommenda o bosque de Portland á attenção dos pensadores. Os troncos de que fallámos, que apresentam tão perfeita analogia assim por fora como por dentro com as plantas das mesmas familias do mundo actual, não teem uma só parcella de substancia vegetal, mas estão completamente mudados, não em carvão de pedra, mas em pedra. A sua substancia é uma pederneira mais ou menos escura, mas translucida quanto basta para deixar vêr todas as fibras do antigo vegetal, que se distinguem pelas gradações da côr. Molecula por molecula, estes troncos de arvores foram realmente desaparecendo á medida que passava a substitui-las uma materia silicosa, a qual pouco a pouco se lhe introduziu nos poros. É este um dos mais bellos exemplos de petrificação que se possa citar, tanto pela perfeição dos resultados como pela grande quantidade d'elles.

Mas este bosque torna-se principalmente recommendavel pelas reflexões que inspira ácerca da variabilidade da superficie da terra. Pelos mais irrefragaveis testemunhos attesta a variabilidade dos climas e da geographia. Com effeito, por ser formado o fundo da rocha, em que elle assenta, de substancia calcarea marinha e de conchas do mar, deve-se concluir que antes do periodo a que remonta a vegetação d'estas arvores, estava debaixo das aguas do mar esta parte do solo d'Inglaterra. Em certa epocha se alevantou este fundo do mar; n'elle se depositou uma camada de terra argilosa misturada com seixos, com muita verosimilhança pelo effeito dos rios que derramavam as suas aguas lodosas n'este baixo. Por fim o alteamento completou-se e a terra sobrepujou o nivel do mar; n'ella se espalharam sementes, e germinaram, e deram vida a arvores altaneiras, cuja idade é facil de medir pelo numero das suas camadas lenhosas. Gerações de arvores semelhantes succederam a outras gerações segundo todas as probabilidades. Além d'isso pôde-se vêr em alguns pontos que o terreno soffreu por muitas vezes pequenas oscilações, por que se observam tres camadas de terra vegetal, com troncos de cycadeas separados uns dos outros por camadas de sedimentos marinhos. Mas este ultimo phenomeno não teve logar senão em espaços comparativamente restrictos, e, segundo se pôde crêr, sobre pontos que pertenciam ao antigo littoral, e que o menor movimento bastava para pôr acima ou abaixo do mar.

Depois de ter estado fóra das aguas certo espaço de tempo, este paiz selvatico tornou a entrar n'ellas. Com effeito observa-se que o solo vegetal está coberto até uma certa altura por um deposito de marne ou marga contendo conchas d'agua doce. Houve por tanto um tempo em que o bosque, invadido pelas aguas, ficou formado o fundo de um lago situado na fox d'algum grande rio. Estas aguas doces, ao passo que nutriam as conchas cujos restos se vêem por cima dos troncos, depunham as folhas de marne calcareo e silicoso que constituem o barro do lago. Consideremos o bosque n'uma inundação permanente,

em consequencia d'um abatimento geral do solo: as arvores perecem em breve tempo, a parte dos seus troncos que ficou fóra d'agua apodrece pouco a pouco e vai caíndo em fragmentos dentro do lago, e se enterra um pouco no solo amollecido. Do amollecimento do solo do bosque acham-se claros vestígios. A' roda de certos troncos está a terra levantada em montinhos redondos, como aconteceria a arvores plantadas em terra molle se acaso lhes abalasses os troncos para todos os lados. Este abalo produziram-n'o naturalmente os ventos, no bosque de Portland, quando as suas arvores ainda estavam fóra de agua. Foi então sem duvida que se fez a petrificação ou transformação em materia silicosa, devida á natureza das aguas em que as arvores estavam mergulhadas, e que deixavam depositos de marne silicoso.

Mas não pára aqui: o solo continúa a abaixar, as conchas d'agua doce desaparecem; os depositos mudam de natureza e enchem-se de conchas marinhas. Desceu por tanto o lago e o mar invadiu-o. O abatimento cresce, e as camadas semeadas de conchas marinhas se vão sobrepondo, e chegam a ter, não qualquer pequena altura, tres mil palmos, para mais, de espessura. Baixou pois está região toda inteira mais de tres mil palmos ao fundo do mar, e lá jazeu o tempo que é facil imaginar á vista dos depositos. E hoje está o véu levantado! Parte dos terrenos cobertos pelos bosque desentulharam-n'a as correntes; resurgiu do abysmo, e patenteia o segredo das revoluções pasmosas do mundo antigo. É facil de conceber que este terreno soffreu muitas deslocações, e não se alteou de uma só vez: incontestavelmente o prova a inclinação parallela das arvores e perpendicular ao solo, posto que fóra da linha vertical, de que não se desviariam a ter elle primitivamente a inclinação que hoje tem.

Qual era a extensão exacta d'este antigo paiz? Formava verosimilmente uma ilha; mas é muito difficil marcar-lhe os limites, em razão dos terrenos que se lhe sobrepozeram, e que não deixam chegar ao solo primitivo senão em alguns pontos. Comtudo reconheceram-se vestígios d'elle, não só na ilha de Portland, mas na costa d'Inglaterra, e até na França nas vizinhanças de Boulogne. O phenomeno, porém, abrange um espaço de valor medioere em comparação com a superficie total da terra; e póde-se até dizer que ainda estão acontecendo outros analogos, porque, depois de tremores de terra são muitas vezes submergidas grandes porções de terreno proximas do mar, e outras vezes, pelo contrario, alteam-se os fundos do mar e cobrem-se em breve de vegetaes.

#### CONGELAÇÕES NAS GRUTAS.

AS AGUAS que contêm carbonato calcáreo em dissolução o depositam quando expostas ao ar e se evaporam; por isso, quando suam da abobada de uma caverna, formam certas massas pendentes, como caramellos, que se chamam *stalactites*: quando pelo contrario são tão abundantes que as gotas caem no chão, a materia calcarea se agglomera em pyramides que tem o nome de *stalagmites*. A pedra assim formada por deposito tem o nome geral de *alabastro*, sobretudo quando conserva meia transparencia. A pedra da mesma denominação, que deu logar ao adagio «branco como alabastro» é de outra casta, de natureza gessoza e notavel pela alvura. Estas congelações por particularidades de fórmias, tem dado celebridade a algumas cavernas.

Em a serra de Alcubertas, em a nossa provincia

da Estremadura, termo da villa d'Alcanede, ha uma gruta ou concavidade com a bocca para o sul, a qual se estende pela serra dentro um grande espaço. O padre Cardozo refere o seguinte: — «No meio d'esta gruta está uma penha como parede, á qual sobe-se por escada de mão, e passando para a outra parte se continúa a mesma concavidade outro tanto. Por toda esta gruta com as chuvas do inverno cae alguma agua coada por entre as penhas da mesma serra, e quando chega ao concavo da lapa vai tão fria que se congela pelas paredes da mesma lapa e em outros pedregalhos d'ella, e fica em bicos e castellinhos mui galantes e formosos; e se esta agua vem pura por entre as penhas e se congela sobre outras pedras limpas, fica mui branca e christallina; porém se passa por alguma terra ou se congela sobre terra, fica côr da mesma, que é entre vermelho e pardo; e estas são as mais que se acham, e ainda que na côr não são tão vistosas, os castellinhos são mui galantes, e cortados em pedaços com a pedra em que se congelaram servem para embrechados; d'estas pedras é feito em grande parte um curioso embrechado que temos no noviciado d'esta Congregação do Oratorio de Lisboa, servindo os castellinhos para formar as grutas de seis grutas em que estão alguns sanctos anachoretas: e a mais pedra quadrada, cortada em bocadinhos, serve de fazer columnas salomonicas, metas, festões, brutescos, vasos de flôres, reprezas e outras galanterias, obradas com grande engenho e arte. Tambem em algumas partes d'esta serra ha uns bancos de pedra, que por si se partem em pedaços, ou talhadas quadradas, á feição de azulejos ou tijolos, uns mais grossos e outros mais delgados, uns mais compridos e outros menos, e são mui brancas e claras, e quando lhes dá o sol em chapa lançam uns reflexos como se fossem espelhos, tem alguma semelhança na alvura com o christal. Todas estas se acham á flôr da terra, e se conhecem ao longe pelo resplendor e raios que de si lançam. São mui buscadas para matizar os embrechados, que lhes dão especial graça e galanteria.

#### ADUARES DOS MOUROS.

OS NOSSOS historiadores que escreveram das cousas d'Africa fallam muitas vezes em *aduares*. Eis-aqui como os descreve concisamente D. Agostinho Manuel e Vasconcellos na *Vida de D. Duarte de Menezes*, 3.<sup>o</sup> conde de Vianna, escripta em hespanhol.

«Os aduares são umas povoações de cem ou duzentas barracas dispostas em roda, que fazem um ambito redondo, onde os alarves recolhem os seus gados á noite. São de côr de burel negro, feitos de lâ de pello de cabra e de folhas de palmeira, todas entrançadas e tecidas, que formam um panno grosso e muito tezo para resistir á furia do sol e da agua; estão assentadas tão junctas umas ao pé das outras, que formam um muro ao redor, e não se póde entrar n'elles senão por duas portas, e estas fecham n'as á noite com estrepes, para que os leões não entrem a fazer damno. Em arabe querem dizer circulo ou cousa redonda: usavam-n'os antigamente do mesmo modo que os usam agora os barbaros africanos. Ha auctor que affirma que d'esta fórmia eram os tabernaculos e tendas dos ismaelitas cedarenos, negros aburelados, conformando-se ao uso da Arabia, da mesma côr e modo, mui conforme ao nome de Cedar, que é obscuridade e trevas. Com a invasão dos arabes se introduziram em Africa. Vivem nos campos e serras, seguindo os pastos melhores para os seus gados, que é de que se sustentam e subsistem.